

AS DIFICULDADES DE SUSTENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO ATEÍSMO MILITANTE

THE DIFFICULTIES OF ARGUMENTATIVE SUPPORT FOR MILITANT ATHEISM

Wesley de Jesus Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo tratará das condições de desenvolvimento e sustentação do ateísmo militante. Dialogando Michel Onfray e Richard Dawkins objetivamos analisar as dificuldades desta modalidade de visão de mundo, dada a sua postura rigidamente dogmática. A dificuldade estaria, não na condição ontológico existencialista de Deus, mas na pouca maleabilidade conceitual destes ateus. Ou seja, o ateísmo militante acabaria por afirmar a mesma convicção dos teístas, a verdade como fundamento estruturante de seu discurso. Enquanto a verdade não for colocada no âmbito do duvidável, o debate ateu permanecerá catequético na sua versão, supostamente, laica, do conventículo.

Palavras-chave: ateísmo; Deus; fé; verdade.

ABSTRACT

This article will deal with the conditions for the development and support of militant atheism. By dialoguing with Michel Onfray and Richard Dawkins, we aim to analyze the difficulties of this type of worldview, given its rigidly dogmatic stance. The difficulty would be, not in the existentialist ontological condition of God, but in the lack of conceptual malleability of these atheists. In other words, militant atheism would end up affirming the same conviction as theists, the truth as the structuring foundation of their discourse. As long as the truth is not placed within the realm of doubt, the atheist debate will remain catechetical in its supposedly secular version of the conventicle.

Keywords: atheism; God; faith; truth.

¹ Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF). E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

INTRODUÇÃO

O ateísmo como reação ao teísmo é uma crença negativa. Para existir ateu há a necessidade de crentes. Seja porque Deus exista ou porque os seus adeptos afirmem sua existência, o ateísmo tem a fragilidade de não ser o que é, independentemente de qualquer postulação. O ateísmo necessita de um outro que não ele para constituir-se enquanto tal. Deste modo, uma sociedade sem Deus seria também uma sociedade sem ateus, o que esmagaria o ateísmo no advento do nada. A maior dificuldade dos militantes não é Deus, mas o nada. Quando teístas e ateístas desaparecem, não sobra pedra sobre pedra, todos lançados na vacuidade, no desamparo e na falta de sentido. Todos tomados pelo desespero de uma vida sem qualquer alicerce rígido.

Neste sentido, os teístas, mais sinceros e conscientes de sua fraqueza, contribuem para a vida, inclusive dos ateus, oferecendo-lhes um motivo para lutar e perseverar. Enquanto existir Deus, existirá sentido na vida do ateu militante, no dia que Deus morrer, a última fronteira segura esfarelar-se-á, lançando-o no desamparo, e isto pode ser terrível e catastrófico. O ateu da pós-religião e do pós-cristianismo é aquele que sabe, não que Deus não existe e que as religiões cometeram os seus crimes e ele é o iluminado a denunciar tais veleidades, mas que suporta o niilismo com a coragem de não ter Deus, nem o não-Deus, nem qualquer ícone a prostrar-se de joelhos: ciência, progresso, democracia, verdade, filosofia, arte etc. Diante do absurdo do nada, este ateu, que superou o judeo-cristianismo, e paira, insano, na queda permanente do abismo que leva a outro abismo, põe-se a criar as condições de estruturação de sua própria vida, sozinho, sem os rebanhos confortadores e as saídas fáceis de inversão, reversão e reação, para o bem ou para o mal.

MICHEL ONFRAY

Jesus existiu, mas sua mística, sua moral, sua identidade eclesial foram construídas, paulatinamente por Paulo de Tarso e pelos sacerdotes católicos. Na dissertação de mestrado de Alan Sena, ele trata exaustivamente da construção deste mito e como Nietzsche com o seu tipo, dá outras nuances ao crucificado atribuindo-lhe, não valores excelsos, mas uma idiotia. A hipótese de um Jesus desprovido de vontade de poder n'Ó *Anticristo* exigiu um percurso por Dostoiévski e depois por Féré². Ora, a questão premente é, a pessoa de Jesus existiu, porém o que sabemos dele são falsificações inventadas com finalidades políticas. A conversão de Saulo, militar romano, na assunção mística de Paulo, já demonstra o quão engajado se tornaria o projeto cristão. Paulo não viveu com Jesus, nem com os apóstolos, mas funcionou como um décimo terceiro apóstolo e, talvez, melhor que todos os outros juntos, já que como intelectual conseguia traduzir em discurso moral as suas interpretações pessoais acerca do Messias e de sua ética, na nossa opinião, uma distorção aberrante da prática crística. Paulo viajava, fazia articulações políticas, conversava com autoridades. Paulo militou na sua evangelização pela bacia do mediterrâneo no sentido de afirmar que a boa nova significava o além-mundo. Jesus não condenava este mundo, sua beatitude estava em, apesar deste mundo, entregar-se plenamente a ele com a sua morte sacrificial, é

2 Ver: FÉRE, Charles. *Sensation et mouvement: études expérimentales de psycho- -mécanique*. Paris: Félix Alcan, 1887; FÉRE, Charles. *Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique*. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

isto que Alan Sena³ tentou demonstrar. A construção paulina de Jesus carrega consigo fundamentos do idealismo de Platão. “[...] seu ódio (de Paulo de Tarso) por si mesmo transformado em ódio pelo mundo; sua impotência, seu ressentimento, a vingança de uma *aberração* - segundo sua própria palavra... - transformados em motor de uma individualidade que se difunde por toda a bacia mediterrânea;[...]” (ONFRAY, 2007, p. 46). Na época de Jesus, assim como hoje, existiam muito destes pregadores, fanáticos religiosos, dizendo-se messias, adivinhos, santos. E o povo da época esperava o fim do mundo e um messias para arrebatá-lo a humanidade daquele vale de lágrimas que é viver. Jesus, portanto, era mais um realizando o discurso profético. Então, por que ele destacou-se e não outros? Foram os milagres? Para Meslier esses milagres não passam de mentiras ou ilusionismo:

In short, everything that your priests and scholars preach to you with so much eloquence concerning the grandeur, excellence, and sanctity of the mysteries they make you worship, everything they tell you so seriously about the certainty of their so-called miracles, and everything they recite with so much zeal and assurance concerning the grandeur of the rewards of heaven and the terrible punishments of hell, are, in fact, only illusions, errors, lies, fictions, and impostures invented at first by the shrewd and crafty politicians, continued by the seducers and imposters, then received and blindly believed by the ignorant and vulgar people, and finally maintained by the rulers and sovereigns of the earth who encourage the abuses, errors, superstitions, and impostures and even authorize them by their laws in order to keep a tight rein on the community of men and make them do whatever they want.⁴ (MESLIER, 2009, p. 36).

A questão mesma é a construção política de Jesus, nada há de trivial ou coincidência, e menos ainda de forças ocultas aquém do controle humano.

[...] a construção de Jesus provém de um forjamento redutível a momentos identificáveis na história durante um ou dois séculos: a cristalização da histeria de uma época numa figura que catalisa o maravilhoso, coleta as aspirações milenaristas, proféticas e apocalípticas do momento em um personagem conceitual denominado Jesus;[...] (ONFRAY, 2007, p. 46).

A superação do cristianismo não deveria ser uma inversão aparente de um *modus operandi*. Uma prática sem Deus do cristianismo. Porém, a proposta que Onfray nos oferece é iluminista e hedonista. Ele mesmo concorda que a laicidade das Luzes ainda ruminam cristianismo. “A laicização da moral judeo-cristã corresponde com muita frequência à reescrita imanente de um discurso transcendente.” (ONFRAY, 2007, p. 186). Isto é, sem Deus como operador semântico da lei, cabe a Assembleia Nacional legislar

³ Ver SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.

⁴ (Em em suma, tudo o que os vossos sacerdotes e estudiosos vos pregam com tanta eloquência a respeito da grandeza, excelência e santidade dos mistérios que eles fazem você adorar, tudo o que eles dizem tão seriamente sobre a certeza dos seus chamados milagres, e tudo o que eles recitam com tanto zelo e segurança a respeito da grandeza das recompensas do céu e os terríveis castigos do inferno, são, na verdade, apenas ilusões, erros, mentiras, ficções e imposturas inventadas inicialmente por políticos astutos, continuados pelos sedutores e impostores, então recebido e acreditado cegamente pelas pessoas ignorantes e vulgares, e finalmente mantida pelos governantes e soberanos da terra que encorajar os abusos, erros, superstições e imposturas e até mesmo autorizá-los por meio de suas leis, a fim de manter um controle rígido sobre a comunidade dos homens e obrigá-los a fazer o que quiserem.)

sobre as condutas que melhor se adéquam ao pacto social, a lei como uma cognição que mergulha no âmago das grandes questões daquela sociedade por ser uma razão infalível e universal. Os códigos de leis, apesar de mutáveis porque as sociedades mudam, guardam consigo uma vontade de absolutismo, pois instauram uma estabilidade política, uma paz enfim alcançada pela civilização, o ápice do progresso humano. Suspeitamos que isto não seja muito melhor que Deus e suas promessas mágicas. “O pensamento laico não é um pensamento descristianizado, mas cristão imanente. [...] Deus deixa o céu para descer à terra. Ele não morre, não é morto, não é dispensado, é adaptado ao terreno da pura imanência” (ONFRAY, 2007, p. 186). As nações europeias do século dezenove pressupunham conceitos bastante duros, universais e transcendentais, como categorias absolutas, pois sustentavam-se neles para efetivar suas políticas nacionalistas e imperialistas. A pátria como ideal é um valor de tão imensa envergadura quanto Deus, e como este, não quer dizer nada, a não ser para os que creem. E o patriota francês é tão crente, portanto mais certo, que o patriota prussiano, de fé similar.

Os manuais de moral nas escolas republicanas ensinam a excelência da família, as virtudes do trabalho, a necessidade de respeitar os pais e venerar os velhos, a legitimidade do nacionalismo, as obrigações patrióticas, a desconfiança para com a carne, o corpo e as paixões, a beleza do trabalho manual, a submissão ao poder político, os deveres para com os pobres. (ONFRAY, 2007, p. 186).

Então, a reforma é mais profunda do que se imaginava, passa pela história do conhecimento ocidental no sentido de inculcar uma razão de fato esclarecedora. Primeiramente, a consciência não é algo que se educa no sentido de tornar o indivíduo melhor porque os alicerces da razão estão devidamente consolidados, os principais conflitos militares do século XX, senão todos, e suas atrocidades, são criações da razão humana: engenharia, física, química, biologia molecular, matemática, lógica, geografia, História das Guerras, História dos Equipamentos Militares, antropologia, sociologia, política, jornalismo, *marketing*, astrofísica... Segundo, que se for possível educar uma consciência, quem seriam estes que detêm os valores magnânimos para transmitir, e que valores seriam estes? “A descristianização não passa por ninharias e quinquilharias mas pelo trabalho sobre a episteme de uma época, por uma educação das consciências para a razão. Pois o episódio revolucionário de descristianização logo produz um culto ao Ser supremo e outras festas clericalmente tolas e mal vindas.” (ONFRAY, 2007, p. 185). Ainda podemos inquirir se a cultura judaico-cristã, problemática em diversos aspectos, demonstrados aqui, inclusive, requer a radicalidade de sua extinção total, nada do que os cristãos fizeram serve, nem uma pintura, uma música que seja, uma igreja velha caindo aos pedaços, uma homilia, não encontraríamos um sacerdote digno de sabedoria (Jean Meslier era padre)? Esse ataque visceral do ateísmo militante não aponta para o ressentimento judaico-cristão como seu motivo reativo aos cristãos?

Nessa paisagem devastada de um Ocidente encurralado, às vezes a luta de alguns laicos parece contaminada pela ideologia do adversário: muitos militantes da causa assemelham-se exatamente a clérigos. Pior: a caricaturas de clérigos. Infelizmente, o livre pensamento contemporâneo com frequência cheira a incenso, perfuma-se despudoradamente com água benta. (ONFRAY, 2007, p. 185).

Enfim, Onfray apresenta um diagnóstico da cristandade e da sua impregnação em todos os âmbitos da vida humana no ocidente. Apresenta uma História do Ateísmo como a estabelecer uma transformação no plano da política cultural demonstrando que não é de hoje que os ateus desenvolvem seus argumentos. Mas, o principal, fez, como Nietzsche, a identificação dos valores judaico cristãos no campo epistemológico, só que sua resposta nos oferece, de novo, valores morais cristãos. Porque é uma resposta reativa, ressentida, que para se afirmar enquanto tal, tem que, primeiro desqualificar o inimigo. A militância é uma invenção dos cristãos, eles usam outro nome, evangelização. Se esta é a estratégia dos ateus ainda não melhoramos muito em termos de uma filosofia pós-cristã. Vejamos quais são os argumentos de Richard Dawkins.

RICHARD DAWKINS

As religiões, para Dawkins, não tem nenhuma serventia para o desenvolvimento evolutivo da espécie. O raciocínio dele sugere que as religiões sejam um subproduto de uma memória de algo que em algum momento teria sido útil ao homem. “Talvez a característica em que estamos interessados (a religião, nesse caso) não tenha um valor direto de sobrevivência por si só, mas seja um subproduto de outra coisa que tenha” (DAWKINS, 2007, p. 183). Alguma coisa objetivamente útil teria produzido um resto como um indesejado fenômeno. Como tudo nas *Hard Science* carregam um sentido orgânico e organizador, materialmente palpável, então a religião como resto, indica, se feita a operação matemática inversa, a prova real, o produto originário.⁵

O comportamento religioso pode ser um subproduto indesejado e infeliz de uma propensão psicológica subliminar que, em outras circunstâncias, é, ou foi um dia, útil. Por essa visão, a propensão que foi alvo da seleção natural em nossos ancestrais não foi a religião *per se*; teve algum outro benefício, e só de forma incidental é que se manifesta como comportamento religioso. Só entenderemos o comportamento religioso quando o tivermos rebatizado (DAWKINS, 2007, p. 185).

O pensamento de Dawkins é brilhante na solução do problema, mas como ele repete que o que está fazendo é ciência, então suas inferências carecem de empiria. O que não desmerece o esforço se o tom do seu discurso não fosse tão arrogante e prepotente. Ora, mas faz bastante sentido supor que o cérebro das crianças teria uma programabilidade em aceitar, sem questionar, as averiguações dos pais e anciãos da comunidade sobre o certo e o errado. Até mesmo porque o nível de dependência em relação aos pais é absoluto no filhote humano sendo impossível a evolução da espécie sem os cuidados parentais e o aprendizado da obediência cega. Aqui já se percebe um *pulo do gato* que exigiria mais dados factuais. Mas acompanhemos.

⁵Para uma análise mais ampliada do tema, ver Sam Harris e suas posições similares às Dawkins: HARRIS, Sam. *The End Of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason*. New York/ London: W.W. Norton&Company, 2004; <https://www.youtube.com/@samharrisorg>. Veja também, Jordan Peterson, crítico do trabalho de Dawkins: PETERSON, Jordan. *12 Regras Para a Vida: Um Antídoto Para o Caos*. Rio de Janeiro: Altas Books, 2018; https://www.youtube.com/channel/UCL_f53ZEJxp8TtIOkHwMV9Q

Mas, para dizer o mínimo, haverá uma vantagem seletiva para cérebros de crianças dotados da seguinte regra geral: acredite, sem questionamentos, no que seus adultos lhe dizem. Obedeça a seus pais; obedeça aos anciãos da tribo, especialmente quando eles adotam um tom solene e ameaçador. Confie nos anciãos sem questionamentos. Essa é uma regra normalmente valiosa para uma criança (DAWKINS, 2007, p. 186).

Se a criança absorve tudo passivamente, supõe-se que se o sacerdote, ancião ou os pais, ou todos eles juntos, inculcaram certas ideias, as crianças as entenderão como verdades. Deus, por exemplo, é uma ideia que as crianças não estariam maduras o suficiente para emitir uma opinião. “O mesmo parece acontecer com crenças e injunções arbitrárias e sem fundamento transmitidas às gerações - crenças que talvez tenham ganhado impulso graças à útil programabilidade do cérebro infantil” (DAWKINS, 2007, p. 189). De fato, a religião ou a noção de que esta ou aquela crença detém a verdade de seja lá o que for, não são saudáveis à adultos, que dirá a crianças bem pequenas. Mas como a religião existe, mais sensato seria apresentar à criança a multiplicidade de religiões, assim como sua dimensão cultural. E em se tratando de cultura, nenhuma delas são comparáveis, sendo todas válidas de igual modo. A disciplina de Ensino Religioso obedeceria a esta ementa, porém, ela serve para doutrinação e catequese dentro de uma instituição laica, a escola. Tendemos a concordar com Dawkins, não porque o seu argumento é cientificamente sólido, mas por questões éticas, mais fáceis de solucionar. Assim como no processo de socialização da criança ela percebe a diversidade que existe no mundo, de pessoas, de ideias, de falar uma mesma coisa, que a mesma matéria da escola pode ser contada de diversas maneiras. Ela ainda não reconhece o suporte teórico e/ou ideológico imiscuído no discurso do professor, mas ela compara em termos de gosto e afinidade este e aquele professor. Nesta idade não lhe é exigido tomar partido desta ou daquela forma de narrar a História dos Povos Originários e se sabe que ela pode ser contada pelo viés distorcido do colonizador; por isso a sociedade organizada tem a responsabilidade de, muito mais que calar este ou aquele falador, mostrar a diversidade de discursos à criança. Uma escola sem partido não serve a ninguém, assim como uma sociedade sem religiões. Uma sociedade efetivamente democrática lutaria por uma escola de muitos partidos e uma sociedade de todas as religiões, todos eles profundamente engajados na garantia dos direitos intelectuais da criança.

Mas o lado ruim da obediência insuspeita é a credulidade escrava. O subproduto inevitável é a vulnerabilidade à infecção por vírus mentais. Por ótimos motivos ligados à sobrevivência darwiniana, o cérebro das crianças precisa confiar nos pais, e nos sábios em quem os pais as orientam a confiar. Uma consequência automática é que aquele que confia não tem como distinguir os bons conselhos dos maus (DAWKINS, 2007, p. 188).

A afirmação de que o pensamento dualista corresponde às crianças de um modo natural, muito menos que esclarecer o problema, demonstra uma concepção adultocêntrica, no sentido que a superação da infância indicasse um amadurecimento do pensamento numa modalidade de seu jogo aquém do mecanicismo moderno. Não nos parece que, mesmo entre os pensadores profissionais, tenha-se superado o dualismo. A soltura semântica pós-moderna do sujeito-objeto não os elimina como encadeamento reflexivo. Sujeito e objeto não estariam mais separados, como que apartados um do outro em seus

guetos, mas num entre, formariam a si pelo outro. Ou seja, a condição de um eu autoritário em relação ou em oposição a um outro são paradigmas da mente humana, não uma estupidez das crianças. Mesmo o adulto culto incorre na cilada dos dualismos, pois a cultura ocidental formou-se nestas condições, sendo o bem e o mal valores éticos em permanente avaliação pelo vivente. E este dualismo produz outros problemas, mais graves, o ressentimento e o avanço das forças reativas. As crianças tem sua pulsão, enquanto relação com o outro, mais ativa que reativa, sendo Deus para elas algo trivial, a não ser que já lhes tenha sido injetado o veneno da vingança imaginária como realização pessoal no fim dos tempos. O dia em que o crente saborear a morte eterna no fogo do inferno de todos os seus ofensores. Crianças não são ardilosas assim.

O psicólogo Paul Bloom, outro defensor da visão da “religião como subproduto”, ressalta que as crianças têm uma tendência natural para uma teoria *dualista* da mente. A religião, para ele, é um subproduto desse dualismo instintivo. Nós, seres humanos, sugere ele, especialmente as crianças, somos dualistas por natureza (DAWKINS, 2007, p. 191).

Ainda considerando esse tom acusatório e desqualificador das crianças, sugere-se que elas são mais propensas a criar naturalmente explicações criacionistas. Concordamos com o argumento de Dawkins de que as religiões não deveriam ser enfiadas goela abaixo de ninguém e, menos ainda, das crianças. Não porque elas tenham uma predisposição ao dualismo, como se os adultos não, ou porque tem predisposição ao criacionismo, e os adultos não, mas porque tudo isto é aprendido. Logo, valores como liberdade, laicidade, respeito, diversidade, justiça, não como normatização, mas como avaliação constante do agir bem para o exercício de uma vida boa na coletividade, são conceitos mais profícuos a se ensinar a uma criança para que ela se torne um adulto ativo politicamente, capaz de fazer suas próprias escolhas com autonomia moral e intelectual suficientes para não pertencer a nenhum rebanho. O artifício de uma substância biológica determinante disto ou daquilo não reforça o argumento, pois condiciona o humano a uma escravidão fisiológica, sendo que há uma psicofisiologia como pano de fundo de toda a ação humana.

Bloom também sugere que temos uma predisposição inata para ser criacionistas. A seleção natural “não faz sentido intuitivamente”. As crianças são especialmente propensas a dar um propósito a tudo, como afirma a psicóloga Deborah Keleman em seu artigo “São as crianças ‘teístas intuitivas?’” (DAWKINS, 2007, p. 192).

O argumento, portanto, é: as crianças tendem a confiar e aceitar o que os mais velhos dizem, sem questionar, além de serem, naturalmente, suscetíveis ao dualismo e as explicações criacionistas. Assim, qualquer germe corruptivo levará a uma devastação gigantesca da mente da criança. Como se os humanos não pudessem mudar, trocar de opinião, voltar ao estágio anterior, sentir vergonha e insistir no comportamento que gera vergonha. Os biologicistas, principalmente no século XXI, não tem o direito mais de fingir-se de desentendidos, de que o seu discurso não é moral e tomado pela cultura e a história, pois sabem dos equívocos mais estúpidos que cometeram no passado; que, de novo, deveriam reavaliar como autocrítica o bojo de suas palavras fatalistas e reducionistas. O homem não é redutível a uma

substância, seja ela qual for, inclusive, a biológica: Stephen Hawking teve toda a natureza, o universo inteiro, trabalhando para destruí-lo e, ao invés de morrer, lutou contra todas as formas contrárias para ser uma das mais extraordinárias mentes que nasceram neste mundo. Uma criança escrava pode se libertar, uma criança livre pode ser escravizada: nada disto pode ser definido antes por qualquer motivo que seja. “Em parte o que quero dizer é que não importa que estilo específico de absurdo infecte o cérebro da criança. Uma vez infectada, a criança crescerá e infectará a geração seguinte com o mesmo absurdo, aconteça o que acontecer” (DAWKINS, 2007, p. 200). O debate é quente e que continue assim. Muitos autores levantam esta hipótese da religião como subproduto de outra coisa, pois ela não incluir-se-ia como algo útil a evolução. Ao certo não dá para afirmar muita coisa, mas a evolução humana se deu por muito tempo acompanhada de seus deuses milagreiros. A religião é tão antiga quanto o homem, a linguagem e a domesticação do fogo. Talvez, as religiões tenham civilizado o homem. Os calendários dos povos e civilizações tem relação com os seus mitos; o arado, o plantio, a espera, a colheita; as chuvas. Ora, essa extravagância de mitos é um modo de conexão, de encantamento do homem como a realizá-lo em plenitude, dissolvendo a dualidade numa unidade, religando o eu ao Ele, numa experiência de si que é o movimento daquilo que lhe é mais próprio, mais autêntico, mais genuíno: a paixão.

Outras explicações da religião como subproduto foram propostas por Hinde, Shermer, Boyer, Atran, Bloom, Dennett, Keleman, entre outros. Uma possibilidade especialmente intrigante mencionada por Dennett é que a irracionalidade da religião é um subproduto de um mecanismo interno específico de irracionalidade do cérebro: nossa tendência, que presumivelmente tem vantagens genéticas, a nos apaixonarmos (DAWKINS, 2007, p. 196).

A tentativa de Dawkins de atribuir às religiões um *menos* como subproduto de alguma coisa útil e válida à evolução da espécie no passado e que permaneceu, desembocará na sua elaboração mais problemática, os *memes*. Aproximando as evidências da biologia molecular e o seu sucesso epistêmico, de um conceito, inventado para dar coerência retórica ao seu discurso, sem qualquer correspondência com a realidade. Ou oriundo de estudo empírico consistente que lhe outorgasse o estatuto de lei científica generalizável. A questão mais importante não é inventar um conceito e interpretá-lo para justificar o seu argumento. Filósofos fazem isso, assim como poetas, romancistas, historiadores, cientistas políticos, antropólogos, teólogos, sacerdotes, professores, políticos, empresários etc. Mas o que Dawkins diz fazer é ciência dura, pouco disponível ao debate no campo das ideias e das palavras, pois suas afirmações se dão por evidências demonstráveis e replicáveis. Que não é o caso dos *memes*.

O ENGODO ARTIFICIOSO DOS MEMES

Os *memes* são um recurso retórico criado por Dawkins, sem qualquer correspondência na realidade, assim como testabilidade empírico laboratorial, para repetir, como se tivesse inventado a roda, o que antropólogos, sociólogos, historiadores, filósofos, linguistas, literatos, dramaturgos, sacerdotes, conhecem muito bem. Ou seja, que os valores culturais são transmitidos por ação e vontade dos seres humanos como profícuo elemento para a sua sobrevivência no meio. Só que Dawkins aproxima rapidamente

a noção de replicação gênica, que é químico molecular, da de *meme*, esta, como replicação de conceitos e ideias culturais de geração a geração. A afinidade molecular dos átomos não tem, qualquer relação com afinidade cultural, ao longo do tempo. Tal hipótese interpretativa é de uma grosseria intelectual que demonstra, ou desconhecimento dos estudos sobre a cultura humana, ou má-fé e falta de probidade intelectual, chegando ao completo desrespeito a incrível História da Humanidade e sua inventividade e perspicácia.

Os *memes* para fé se propagam mais proficuamente, intencionalmente, como se para todos os outros elementos da cultura não fosse o mesmo. “Assim como genes num universo de genes, os memes que prevalecem são aqueles que conseguem se copiar bem” (DAWKINS, 2007, p. 209). Então a paixão religiosa persevera porque tem uma metodologia mais eficaz que, por exemplo, a aplicada pelas escolas sobre os alunos. A ameaça e o medo como recursos a prostração de joelhos. E quando se é criança, a lógica da ameaça é muito mais funcional e marca bem mais profundamente. Não porque as crianças tenham qualquer predisposição natural para isto ou aquilo, mas porque os seus genitores são seus suportes de segurança afetiva. Sua palavra ecoa mais intimamente, mas não que não possa ser mudado com o desenvolvimento da criança e o seu acesso a novas perspectivas promovidas pelo convívio social. “Os memes para a fé cega têm os próprios métodos implacáveis de se propagar. Isso é verdade tanto para a fé cega patriótica e política como para a fé religiosa.” (DAWKINS, 2007, p. 261). Ora, indiscutivelmente, os métodos do fundamentalismo religioso são bastante eficazes, o que não inferioriza as estratégias de transmissão de outros elementos da cultura. Dawkins reduz a permanência a uma coisa que ficou, feita por um grande homem, que duraria mais que os próprios genes. Mas a cultura não é uma produção individualista, a obra de Einstein tem o seu mérito, mas jamais constituir-se-ia sem as contribuições de Newton, Kepler, Copérnico, Planck e, mesmo toda a contribuição ocidental. A formação intelectual do gênio Einstein não foi autóctone, foi produção da educação cultural ocidental. Na medida em que sua formação esteve tão fortemente vinculada a cultura ocidental, que conseguiu, como mente excepcional, desgarrar-se dela e apresentar uma novidade.

No entanto, se contribuirmos para o patrimônio cultural do mundo, ou seja, se tivermos uma boa ideia, compusermos uma canção, inventarmos uma vela de ignição, escrevermos um poema, pode ser que a nossa contribuição sobreviva, intacta, muito depois que os nossos genes tiverem se dissolvido no *pool* comum de genes. (DAWKINS, 2007, p. 262).

Uma teoria isenta de sua condição histórica, apenas escamoteia, fingindo para si a verdade de seu delírio. Em se tratando da dimensão humana mais evidente, essa teoria é sempre um produto deste pesquisador mergulhado no seu tempo. Quando Dawkins expõe sua teoria dos genes e, principalmente, a dos memes, demonstra o quão profundamente está inserido na sociedade britânica com suas noções liberais, individualistas e de mercado. “A mão invisível da seleção natural preenche a lacuna. [...] A ideia sobre os cartéis colaborativos criados pela mão invisível vai se revelar central para nossa compreensão dos memes religiosos e de como eles funcionam.” (DAWKINS, 2007, p. 211). Abraçar uma suspensão teórica como a elaborar conceitos neutros e generalizáveis a todas as culturas humanas desvenda a arrogância de um eu demasiado inflado que pretende se proteger de algo.

ATEU, GRAÇAS A DEUS

As ciências humanas, desde Durkheim, Weber, Marx e Comte, reivindicam o epíteto de científicas como estatuto de verdade. O ancoradouro seriam as ciências naturais supostamente dignas de uma epistemologia coerentemente vernácula por construírem fórmulas de análise mais precisas e investigarem fenômenos indubitavelmente factíveis por causa de sua repetitividade. Assim, se é científico é mais sério que as artes, a filosofia, o senso comum e as religiões. Neste ambiente como *Zeitgeist*, Dawkins utiliza da sua posição como divulgador da ciência para atribuir à sua militância política, uma importância científica. “Uma importante contribuição para o ateísmo contemporâneo é a hipótese de Deus como científica e não mais filosófica, como tem sido desde sempre. Richard Dawkins encabeça a lista de autores que assumem esta postura” (FRANCO, 2014, p. 68). Entretanto, suas hipóteses explicativas, principalmente quando se aproximam de campos de saberes pouco conhecidos por ele, “uma das características de Dawkins é usar metáforas e expressões de impacto que tendem a seduzir, além de articular várias visões de setores distintos do conhecimento” (FRANCO, 2014, p. 119), enveredam por achismos e redundâncias, com pompa de elegância acadêmica, para convencer seu interlocutor sobre o seu ateísmo. O problema não é defender esta ou aquela ideia utilizando-se de retórica, mas dizer fazer algo para ludibriar os menos experientes sobre a sua verdade. “*Deus, um delírio* (2007) é um livro escrito para o público leigo[...] quando afirmam que a defesa científica de Dawkins é quase uma nova religião” (FRANCO, 2014, p. 126). Considero este tópico importante para demonstrar como a desonestidade intelectual não é uma atribuição dos religiosos, mas sim dos fundamentalistas de todas as espécies.

A força de construção cognitiva advinda dessa junção entre os mecanismos informais do senso comum - respaldados pela mídia e pela velocidade da comunicação virtual - e a da ciência, constituiriam em uma espécie de “fórmula” de sucesso de propagação de ideias e termos comuns aos dois ambientes (científico e popular), criando-se muitas vezes uma linguagem intermediária, com “roupagem” científica, mas métodos de fora da ciência (FRANCO, 2014, p. 72).

O tom desrespeitoso não se adequa à etiqueta do cientista. O deboche, a zombaria, sempre a desqualificar não corrobora o argumento. Ao invés disto, o cientista costuma apresentar dados empíricos ou assumir sua ignorância sobre o assunto. Tentando abrir portas interpretativas a partir de perguntas que possam ser respondidas por pesquisas. “Mas seu aparato tecnológico [das ciências] que clama por respostas precisas e exatas depara-se com questões bastante inexatas, cuja linguagem das ciências naturais nem sempre corresponde à demanda” (FRANCO, 2014, p. 90). É importante, ainda, apresentar os argumentos contrários no sentido de invalidá-los a partir de seus pressupostos de pesquisa e testes. Se não existem contrapontos, está-se falando para convertidos e isto não é científico, é seita. A pesquisa tem validade quando exposta a análise da comunidade, abrindo-se a ela para o debate livre entre os pares. Não é preciso ser religioso para concordar com eles sobre alguns benefícios que as religiões trariam em termos de cura e saúde mental, problemas objetivos de pesquisa. Não conseguir concordar com o outro por serem eles os que discordam de mim numa espécie de ofensa pessoal nos parece bem infantil.

O debate não é conclusivo, entretanto, Dawkins nem sequer cita em seus livros muitos dos argumentos e pesquisas científicas que enfocam os benefícios que as religiões trazem. Parece, neste sentido, utilizar os critérios científicos de modo seletivo, visando seus interesses de militante ateuista (FRANCO, 2014, p. 77).

Somos muitos de nós mesmos. Multiplicidade, multidão. Tantos que nem cabemos em nós mesmos. Dividir o mundo entre nós e eles é muito pouco. Dentre os ateus existem aqueles os mais cristãos no seu sentido humanista, assim como entre os religiosos o anticristo mais perverso se apresenta como banalização do mal. Em um e outro não estão os atributos totais como a esquadrinhar o ateísmo como isto e o teísmo como aquilo. Cada pessoa na sua multiplicidade faz muitos usos deste teísmo ou ateísmo e em ambos a sua versão mais intolerante fez pouco bem a humanidade. Governos ateus criaram sistemas de perseguição e extermínio de crentes numa forma eficientemente muito mais eficaz que toda a imaginação megalomaniaca da Santa Inquisição. De qualquer modo, todas estas divergências não deveriam recrutar tantos afetos tristes, pois não vemos no discordar uma inimidade como necessidade. As posições contrárias servem para fazer pensar e, talvez, sirvam para elaboração metalinguística de aproximações conceituais. Somos iguais na miséria de existir, não há tempo a perder com pecuinhas de fanáticos.

Steven Engler (2007; 2011), importante estudioso deste campo, ressalta que há tipos bastante diversos de criacionismos e que nem todos estão classicamente opostos aos fundamentos do darwinismo. O denominado “evolucionismo teísta”, por exemplo, seria uma crença na qual convivem os pressupostos religiosos e científicos. Nesse caso, os processos biológicos de evolução fariam parte do plano criativo de Deus. (FRANCO, 2014, p. 92).

Sem contraponto o discurso do cientista esfacela-se ganhando muito mais o aspecto de senso comum. “Em ciência e em filosofia, qualquer argumentação parte de premissas que precisam passar pelo crivo de uma comunidade ou de contra-argumentações lógicas. Não há construção de pensamento sem embate entre olhares múltiplos” (FRANCO, 2014, p. 128). Assim como muitos religiosos inserem suas impressões comuns como atributos da religião que professa gerando preconceitos, para dizer o mínimo, também o ateísmo percorre veredas pouco seguras e, do mesmo modo, edifica muitos preconceitos.

Nossa defesa é a de que Dawkins, na medida em que entra nesses debates públicos da maneira como o faz, estaria contribuindo para um tipo de conhecimento com aparência científica, mas não da ciência em si. É a sua faceta pública e ateuista que chega a estes debates. A faceta do cientista parece ficar no laboratório (FRANCO, 2014, p. 98).

A naturalização das religiões usa o recurso de inflacionar o irracional como um impulso indomestível, por isso a presente marca das religiões ao longo do tempo em todos os lugares. Esse subproduto de algo mais valioso a evolução humana carregaria um determinante biológico da cultura. Se assim fosse não haveria a necessidade da defesa de uma educação laica, porque qualquer coisa que se fizesse não barraria a irracionalidade, assim como o ateísmo como reversão seria antinatural. O ateu não é melhor porque superou a bestialidade do seu ser animal.

Apesar destas considerações, no entanto, Dawkins tem a clássica afirmação de que não nascemos religiosos (2007, p. 432) e que as religiões são transmitidas de pais que “abusariam” mentalmente de seus filhos (p. 396-437). Ou seja, Dawkins ao mesmo tempo, considera que a religião tem bases naturais, sendo subproduto de traços que originalmente serviriam a outros processos evolutivos e se perpetuando por meio dos replicadores chamados memes, e por outro lado, afirma que a religião não é natural, pois não nascemos religiosos. Essa sutileza de raciocínio por vezes pode confundir seus leitores, mesmo os mais atentos. Para Dawkins, a religião é, afinal, natural e não natural ao mesmo tempo? (FRANCO, 2014, p. 104).

As religiões têm uma função que, gostamos de acreditar, é eminentemente cultural e de uma riqueza extraordinária. Usar da biologia e da eletroquímica para fazer comparações em quaisquer níveis com a religião, é de uma grosseria sem tamanho. Primeiro, porque a fé não é objeto de estudo das ciências naturais e quando elas se meteram em assunto das Ciências Sociais e Humanas, teorias racistas e eugenistas solaparam o ocidente.

A memética resolve (?) uma complexa dicotomia entre biologia e cultura. É biológica e cultural ao mesmo tempo. Essa chave de leitura faz com que Dawkins refugie-se, ora em explicações do tipo culturais biologizadas (“religião é um abuso que pais cometem com seus filhos”, os memes “Deus”, “fé religiosa” são perpetuados por reforço de outros de memes, “religião pode ser comparada a um resfriado”), ora em explicações de ordem puramente biológicas (“religiões são subprodutos de processos cognitivos, como detecção de agentes, antropomorfismo, dualismo da mente...””) (FRANCO, 2014, p. 119).

Segundo que o tom desqualificador não sustenta o argumento, Dawkins não nos ofereceu qualquer resultado laboratorial, químico, experimento de comportamento, análise estatística de seja lá o que for, para testar suas hipóteses. Contudo, a religião como processo vantajoso a evolução da espécie é uma hipótese defendida por muitos autores que, como dito, argumentam que a religião fortalece os vínculos grupais.

[...] a religião seria adaptativa e não um subproduto da evolução como sugerem Dawkins (2007), Boyer, (2001; 2006), Atran (2002). Para Ridley (2000), a moralidade estaria vinculada diretamente aos mecanismos de cooperação e confiança produzidos por regras de troca que estariam além dos altruísmos de parentesco e recíproco (FRANCO, 2014, p. 110).

A assertiva de Dawkins é supor que os *memes* funcionam como vírus que infectam os hospedeiros. Só que ele não apresentou os nomes de nenhuma proteína com afinidade eletroquímica capaz de compor a regra do octeto do vírus *meme* com determinados neurotransmissores capazes de fabricar memória em neurônios específicos e quais seriam eles, com condições replicativas da informação. “Dentro desta compreensão, os memes não seriam produtos de nossas vontades e criações, mas teriam um funcionamento independente, usando-nos como hospedeiros” (FRANCO, 2014, p. 116). Não há uma definição clara de porque os *memes* são de uma determinada ordem, os das religiões, os da música, os do senso comum, funcionando como vírus, e em outras regiões, simplesmente não existirem *memes*

sendo replicados, como nas ciências e no ateísmo. “Há memes ateus sendo claramente transmitidos e reforçados por mecanismos de seleção natural cultural” (FRANCO, 2014, p. 122). Haveria a necessidade de demonstrar molecularmente, quais afinidades eletroquímicas são mais específicas entre o *meme* e o cristianismo e a pouca afinidade do *meme* com a biologia.

Por que, afinal, os memes religiosos infectariam a mente trazendo ao ser humano uma doença virótica, mas os memes científicos - que aparentemente seriam menos facilmente transmissíveis (DAWKINS, 2007) - trariam libertação e cura? Não há nada na teoria de Richard Dawkins que esclareça pontualmente este questionamento. (FRANCO, 2014, p. 117).

O cientista perdeu o método, a paciência, o demorar-se na simplicidade e elegância dos conceitos, objetivamente claros e testados, perdeu o decoro; para mergulhar na gritaria, pouco inglesa, do cais dos vendedores de peixes na sua conversa cotidiana. “O brilhante divulgador científico se tornou um selvagem polemista anti-religioso, pregando em lugar de debater (ou assim me parece) sua posição” (MCGRATH, 2008, p. 14). O mundo do ateísmo militante é dicotômico, exige a polarização e o açoite do oponente como verborragia. Entre o Nós e o Eles, eles têm a condição de inferioridade, irracionalidade, bestialidade. “Os religiosos são descartados como anticientíficos, intelectualmente irresponsáveis ou existencialmente imaturos - isso quando ele (Dawkins) está num bom dia” (MCGRATH, 2008, p. 14). Os fundamentos deste ateísmo ignoram, que mesmo o ateísmo é produto do cristianismo no ocidente, para o bem e para o mal. Que a reatividade de seu discurso não deixa de se mostrar como o resultado mais eficiente de milênios de transmissão da cultura judaico-cristã. Que sua paixão é cristã, assim como sua ciência, qualquer estudioso medíocre de religião sabe que a categoria irracionalismo atribuído às religiões, especialmente ao cristianismo, é completamente incoerente e panfletária: a racionalização e sistematização do mundo pela ordenação intelectual do homem foi instrumentalizada pela *intelligentia* católico medieval pelos recursos disponíveis construídos pelas culturas pagãs mais promissoras, gregos, romanos, mongóis, sírios, persas, judeus, egípcios, visigodos, ostrogodos, vândalos, vinkings, celtas, normandos, suevos, francos, transmitidas, pedagogicamente, geração após geração, fazendo o credo até ter sentido, *os homens vão e vem*, mas a Igreja permanece imortal diante da imensidão do tempo. “Ficou cada vez mais claro para mim que as bases do ateísmo de Dawkins com certeza repousavam, no final das contas, fora das ciências, e não dentro delas” (MCGRATH, 2008, p. 16). O julgamento de valor, além de não ser uma prerrogativa científica, desmerece o outro quando enunciada pela pena de Dawkins. É compreensível denunciar as religiões como promotoras das maiores atrocidades, ao longo da História, mas deixar somente a ela a promoção do mal, isentando todo o resto, é injusto e não soluciona o problema da maldade humana. “A religião leva ao mal. [...] Esse não é um juízo estritamente científico, pois, como Dawkins observa com frequência, as ciências não podem determinar o que é bom ou mau” (MCGRATH, 2008, p. 18). Os valores morais e éticos como conduta do viver bem e, se estes valores, formulam-se a partir de uma noção do sagrado, não são objetos das ciências. Elas mesmas já recusaram essas noções como pragmaticamente inúteis a seus interesses mais objetivos: desnudar a factualidade do mundo. O bem e o mal não existem do mesmo modo que uma mitocôndria, por isso estas podem ser objeto das ciências, enquanto aquelas são objetos da filosofia, da teologia, da antropologia, da política, da História.

“É algo por demais aceito que o método científico não pode simplesmente decidir sobre a questão de Deus. [...] A ciência é assim usada para ajustar a visão de mundo, e se prova capaz de acomodar pontos de vista teístas e ateus com notável facilidade” (MCGRATH, 2008, p. 17). O uso de Darwin para fins obtusos não é novidade, mas no século XX/XXI é de uma perniciosidade e mesquinha imensas. Talvez, mais desestabilizadores que Darwin, fossem, ainda, Freud, Marx, Nietzsche. A assunção da morte de Deus em Nietzsche é muito mais perturbadora que uma explicação perfeitamente ordenadora da natureza. E aí está a questão, Darwin tenta tamponar a angústia na sua cientificidade, Nietzsche a escancara e não delimita uma solução fácil para o vazio deixado pela morte de Deus. Aliás, Deus facilitava as coisas, agora tudo recai sobre o homem que passou a ter responsabilidade pela criação dos muitos sentidos que se pode dar à vida. Mesmo assim a angústia não estanca, a não ser com a morte.

Enquanto a maioria dos biólogos evolutivos defende que o darwinismo oferece uma descrição da realidade, Dawkins insiste em que ele proporciona mais que isso: o darwinismo é uma explicação. O darwinismo é uma visão de mundo, um *grand récit*, uma metanarrativa - uma estrutura totalizante através da qual as grandes perguntas da vida devem ser avaliadas e respondidas (MCGRATH, 2008, p. 53).

Darwin é outra forma do niilismo negativo. Mais um ídolo despotencializador ao qual os fracos se agarram para adorarem. Muitos destes grandes autores substituem Deus na academia recrutando para si uma importância demasiado sobre-humana. Mas na academia os saberes não deveriam ficar entrincheirados nas vielas de seus autores. Ao contrário, se não são artigos de fé, precisam suportar a carga do confronto e da refutação.

Mas por que Darwin? Por que não Karl Marx? Ou Sigmund Freud? Cada um deles é proposto regularmente como havendo provocado um terremoto intelectual, destruindo concepções hegemônicas e introduzindo novos e radicais modos de pensar que levaram à bifurcação do pensamento humano (MCGRATH, 2008, p. 23).

As causas do câncer são misteriosas. Não no sentido de que o cigarro, a má alimentação, a exposição a radiação ultravioleta, causam câncer, pois as análises estatísticas conseguem verificar a alta correlação entre as variáveis alimentos com conservantes e/ou agrotóxicos e câncer; mas como a ingestão destes alimentos promovem exatamente que reações químicas por causa de quais propriedades eletroquímicas que resultam na reprodução desordenada de células nesta ou naquela região do organismo, o que nos daria dados exatos de como planejar uma prevenção medicamentosa ou mesmo uma intervenção químico genética no ponto de emparelhamento dos átomos no DNA suscetível. Entretanto, estas informações não estão tão precisadas assim na literatura médico fisiologista e, os próprios cientistas se habituaram a dizer que não sabem ou, o mais interessante, falam, até sem grandes constrangimentos, sobre as obras do acaso. Não é que o acaso corresponda a Deus, mas que ele toma o cientista de angústia pelo espanto do incontornável. “O método científico é incapaz de expedir uma sentença decisiva sobre a questão de Deus. [...] Alguns notáveis biólogos (como Francis S. Collins, diretor do Projeto Genoma Humano) defendem que as ciências naturais criam uma positiva presunção de fé” (MCGRATH,

2008, p. 68). Ora, o acaso não é uma excepcionalidade, ele acontece com mais frequência do que a mente neurótico obsessiva do homem moderno imaginaria.

Em *O acaso e a necessidade* (1971), o Nobel francês Jacques Monod lançou o consenso básico que logo emergiu dentro da biologia molecular. Monod mostrou que as mutações genéticas podem ser observadas no laboratório. Mutações raras e espontâneas em populações de drosófilas ou de outros organismos exemplares podem ser observadas, enquanto outros podem ser induzidos ao acaso com o uso de mutágenos, como certas substâncias químicas ou radiação. Por que tais mutações não poderiam surgir também com o passar do tempo na própria natureza? (MCGRATH, 2008, p. 46).

Não é logicamente perspicaz atribuir valores morais humanos a seres não humanos, da natureza. O átomo de Urânio não é bom, nem mal. Um sapo não é mais bonito que um crocodilo. Um leão não é um sádico na sua sana por sangue. Mesmo que quiséssemos, em termos metafóricos e afetivos, atribuir a um gato uma lealdade ou deslealdade, um gato não se insere no mundo por causas destas noções. Apesar da humanização dos animais, a compreensão deles no mundo não é cultural como a nossa, mas instintual condizente com a seleção natural. Assim, um gene não é egoísta ou altruísta, ele é uma molécula que guarda informações químicas do organismo.

A expressão “o gene egoísta” cunhada por Dawkins foi criticada pela filósofa Mary Midgley, em parte por causa do que ela considerou imprecisão definitiva, mas, de peso bem maior, em razão de preguiça filosófica. “Genes não podem ser egoístas ou altruístas, não mais do que átomos possam ter ciúmes, elefantes possam ser abstratos ou biscoitos, teológicos” (MIDGLEY, 1979, p. 439-58, apud MCGRATH, 2008, p. 51).

No sentido de desmascarar o ressentimento como produto do cristianismo, cultivado dentro da academia ocidental, como conhecimento verdadeiro, rejeitamos o discurso simplista que para se afirmar avilta o outro. Deus, as ciências, as filosofias, as artes, o senso comum, são todas possibilidades hermenêuticas, cabendo ao filósofo o exercício de articular todos estes saberes democraticamente para a afirmação de uma vontade de poder. “Ora, a retórica de sua argumentação implica em que o darwinismo, o lamarckismo e a crença em Deus sejam três concepções mutuamente excludentes, de forma que o compromisso com uma por necessidade obrigue a rejeição das outras” (MCGRATH, 2008, p. 67). Ora, Darwin dialoga com Lamarck. Entretanto, estes dois estavam preocupados com o movimento da natureza, porque a ciência não tem nada a dizer sobre Deus.

O ponto principal para Gould é que o darwinismo na prática não tem nenhuma relevância em relação à existência ou à natureza de Deus. Se os darwinistas decidirem dogmatizar sobre assuntos de religião, estarão se desviando do caminho reto e justo do método científico e vão acabar nos ermos filosóficos (MCGRATH, 2008, p. 70).

Os medievais dedicaram-se a uma racionalização de Deus. “[...] a tradição cristã clássica sempre valorizou a racionalidade, não defendendo que a fé envolva o completo abandono da razão ou a crença

contra a evidência” (MCGRATH, 2008, p. 123). Outrossim, a fé, e não a razão, continua sendo o combustível da experiência do sagrado. Logo, o problema de Deus, além de não exigir, inicialmente, uma razão como substrato, não é um conceito ou ideia do universo científico. “Se o método científico não pode provar nem contestar a existência ou a natureza de Deus, então, ou desistimos da pergunta por ser irrespondível (algo que Dawkins certamente não quer fazer), ou procuramos respondê-la em outras bases” (MCGRATH, 2008, p. 71). Se duas ou mais hipóteses são boas de acordo com uma comunidade de ouvintes mais ou menos capazes de entender o problema, não haveria porque aceitar uma e rejeitar outra. Assim, as duas compreensões conviveriam sem a rigidez de se ter de assumir uma ou outra, por não existirem critérios para a afirmação da verdade. A dificuldade não são as diversas interpretações sobre o mesmo fenômeno, mas como a fantasia da estabilização explicativa a partir de uma vertente, postula uma pseudo verdade, muito mais como uma mentira necessária.

Às vezes é impossível julgar entre teorias concorrentes porque elas parecem oferecer explicações igualmente boas sobre o observado. Duas teorias bastante diferentes podem se mostrar “empiricamente equivalentes”, forçando assim a comunidade científica a suspender o julgamento até que o assunto seja resolvido através das evidências, ou se chegue a uma decisão por outras bases. Um excelente exemplo pode ser fornecido por duas escolas de mecânica quântica rivais: a “escola de Copenhague”, baseada na abordagem de Niels Bohr e Werner Heisenberg, e a de David Bohm. As duas são empiricamente equivalentes e sem dúvida da mesma forma elegantes e simples (MCGRATH, 2008, p. 71).

Ao debruçar-se sobre a natureza, o cientista não precisa aceitar ou rejeitar Deus. Descoberta a racionalidade própria do mundo, Deus pode ser colocado como coadjuvante, não desqualificando as leituras de mundo de ambas as partes. Ao crente leigo, faz pouca diferença que um *Big Bang* tenha dado origem ao universo e esta hipótese sirva, principalmente, para invalidar a fé, o que não é verdade (assim como a teoria de Darwin, a do *Big Bang* pouco se importa com Deus ou não Deus). “Porque eles deixam claro que é profundamente problemático supor que o darwinismo exija o ateísmo. [...] A visão pessoal de Huxley era de que a nova teoria conduzia a um agnosticismo de princípios” (MCGRATH, 2008, p. 95). Mas como o mecanicismo do mundo é bastante coerente, dá para deflacionar Deus. E como a máquina entende seu mecanismo já na condição de máquina, no fluxo, sem conseguir desmiuçar exatamente o agente propulsor do primeiro movimento, uma pitada de mistério autoriza uma mística da vida, nem que seja para sonhar com um otimismo originário e ingênuo.

Uma potencial fraqueza da abordagem tomista é que a auto-regulação da ordem natural pode conduzir à marginalização conceitual de Deus em qualquer explicação do mundo. [...] Conforme Pierre-Simon Laplace (1749-1827) demonstrou em seu volumoso *Tratado de Mecânica Celeste*, um mecanismo auto-sustentado efetivamente eliminou a necessidade de Deus ou como hipótese explicativa ou como sustentador ativo na cosmologia. [...] É exatamente essa marginalização conceitual do divino que pode ser vista na explicação de Darwin sobre a seleção natural (MCGRATH, 2008, p. 75).

A descrença de Darwin não era advinda de sua teoria, mas da dor e do sofrimento infligida a ele com a morte prematura de seu filho. Deus como a bondade plenipotente não deveria deixar um pai enterrar seu filho, assim como não coadunar-se-ia com o advento do mal. “São conhecidos dois fatores de particular interesse para Darwin com implicações negativas para o cristianismo tradicional. Primeiro, Darwin achava que a existência da dor e do sofrimento no mundo era um insuportável fardo moral e intelectual” (MCGRATH, 2008, p. 91). O sofrimento, portanto, faria sentido como processo biológico capaz de organizar forças no humano para uma reviravolta cognitiva capaz de recolocá-lo na marcha ainda mais forte. Inicialmente, a teoria da evolução das espécies não levaria ao ateísmo, mas a uma indefinição, pois diversos *gaps* interpretativos, somam-se a uma criativa inteligência na sua elaboração dos fenômenos. O agnosticismo como saída razoável não é uma via diplomática covarde, é uma formulação correspondente a nossa incapacidade de dar conta do todo. Ela não engessa a curiosidade científica quando se depara com o fundo oco do nada, assim como não elimina Deus de uma vez por todas sem qualquer ingrediente materialmente sólido para a afirmação.

Em 1961, Donald Fleming desenvolveu a importante tese de que a experiência do sofrimento de Darwin foi um elemento crucial para a perda da sua fé. [...] A dor e o sofrimento seriam aceitáveis como o resultado ininteligível do processo evolutivo, o que, apesar de desagradável, parece ser preferível à sua alternativa, isto é, que o próprio Deus infligiu o sofrimento ou permitiu que fosse infligido por outros (MCGRATH, 2008, p. 91).

Assim, o caráter desrespeitoso, o tom muito alto de alguém que tem certeza de alguma coisa e, por isso, se acha portador de uma autorização moral para enfiar goela abaixo, as suas verdades inquestionáveis de sua crença, desqualificam os argumentos do ateísmo militante, principalmente de Richard Dawkins. Mais afeito a sua paixão desenfreada pela aceitação social de seu credo que a rigorosidade científica do método. O cientista se perdeu no turbilhão das paixões, esquecendo-se das evidências e dos testes, para sucumbir, derrotado, no sacrossanto império da fé. De tão ateu, se fez o mais intransigente crente, com suas elaborações, pasmem, delirantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ateísmo não foi provado. E foi o melhor contraponto que o fundamentalismo religioso poderia ter. Como negação pura, recurso metafórico, ironia, zombaria declarada aos cristãos, deboche mesmo, guerra e guilhotina, tudo isto construíram os alicerces de uma sociedade democrática, tolerante e laica. A violência incólume do cristianismo receberia uma resposta tão sangrenta quanto. Mas a reação estabeleceria um, equilíbrio de forças, não um fundamentalismo às avessas. Em dias atuais que grupos identitárias verbalizam seu credo, uma versão opressora do oprimido ganha contornos fascistas, só que em nome do politicamente correto.

O ateísmo não foi “provado” em nenhum sentido por qualquer ciência, incluindo a ciência evolucionista. [...] E, sim, o ateísmo libertou as pessoas da opressão religiosa, especialmente na França dos anos 1780.[...] O libertador virou o opressor. Para a surpresa de alguns, a religião se tornou o novo libertador da opressão ateísta (MCGRATH, 2008, p. 139).

Todas as invenções humanas estão impregnadas do humano. Atribuir aos religiosos, exclusivamente, toda a celeuma do mundo, é insuficiente diante das atrocidades que os comunistas impuseram ao mundo com Mao e Stalin, para citar apenas dois bastante conhecidos regimes totalitários ateus. As ciências também cometeram os seus crimes. A interpretação que visa encontrar um culpado é judaico cristã. Não existem culpados quando são os humanos os protagonistas de sua glória e derrota. Há muito mais no mundo que dois lados de uma sentença. “Fingir que a religião é o único problema no mundo, ou a base de toda dor e sofrimento, não é uma opção válida para quem pensa. É apenas retórica, um mascaramento de um problema difícil que todos precisamos discutir - isto é, como os seres humanos podem coexistir e controlar suas paixões.” (MCGRATH, 2008, p. 143). A religião que mata, também salva, pela caridade e amor. A ciência do Raio-X é mesma da bomba. A vida afirma a sua força com o mesmo vigor que afirma a sua morte. A vida para constituir-se tem que destruir. A pulsão de morte é o ingrediente útil à vida, pois testa o seu valor retirando-a da banalidade do tédio. Se a vida ficar confortável demais, o moribundo da existência assume a sua cadavérica forma na absurdidade das neuroses psiquiátricas. Todas estas tensões, ciência x teologia, filosofia x teologia, vida x morte, sujeito x objeto, bem x mal, guerra x paz, são arquétipos da guerra como consistentes paixões autodestrutivas convenientes à manutenção e expansão da vontade de poder.

Quando estudava química orgânica em Oxford no início dos anos setenta, fiz uso extensivo de uma obra volumosa intitulada *Advanced Organic Chemistry* [Química orgânica avançada]. Ela fora escrita por um casal, marido e esposa, e invariavelmente era chamada “Fieser & Fieser”. [...] O que na verdade se precisava era que a gasolina fosse modificada para queimar mais lentamente, em temperaturas mais elevadas. Assim grudaria nas pessoas e elas não poderiam interromper a queima do material. Dissolver borracha na gasolina foi uma opção. Mas a borracha era escassa e, portanto, se fazia necessária uma alternativa química. [...] descobriram que a gasolina poderia ser gelificada se fosse acrescida em aproximadamente um décimo de seu peso de um pó de *naphthenate* de alumínio (feito de resíduos de óleo cru) e palmitato de alumínio (feito de óleo de coco). As fontes dos materiais deram à substância seu acrônimo - *napalm*. [...] Cerca de 35 milhões de quilos da fórmula de Fieser foram produzidos durante a Segunda Guerra Mundial. E a maior parte foi usada contra os japoneses. Durante a noite de 9 para 10 de março de 1945, 279 bombardeiros US B-29 Superfortress, de baixa altitude, jogaram 1.667 toneladas de napalm sobre Tóquio (MCGRATH, 2008, p. 140).

Porque humanas que as ciências e as religiões, apesar de escopos analíticos distintos, merecem uma relação conciliatória. A filosofia não é por acaso a ferramenta útil a aproximação destes saberes, uma aproximação que garanta a cada uma a sua distância. Enquanto distantes, que podem estar perto, porque é neste distinto que as constitui, que existe um próximo que as afasta. O significado do mundo não é científico, a factualidade do mundo dispensa artigos de fé. Enquanto o movimento do real é amoral, o real humanizado e sócio-histórico utiliza-se da moral como recurso a contenção da barbárie domesticando a natureza. Deus insere-se no campo moral, a ciência na amoralidade. Porém, como estes dois campos, intrometeram-se um no outro, a ciência esteve moral e a fé esteve amoral, talvez imoral.

Não vejo como a ciência e a religião podem ser unificadas, ou mesmo sintetizadas, sob qualquer esquema comum de explicação ou análise; mas tampouco entendo por que as duas experiências devem ser conflitantes. A ciência tenta documentar o caráter factual do mundo natural, desenvolvendo teorias que coordenem e expliquem esses fatos. A religião, por sua vez, opera na esfera igualmente importante, mas completamente diferente, dos designios, significados e valores humanos - assuntos que a esfera factual da ciência pode até esclarecer, mas nunca solucionar (GOULD, 1999, p. 12).

A defesa de Gould dos magistérios não interferentes tem a vantagem de proteger as sociedades humanas de novos excessos das ciências. Porque a biologia como tecnologia de criar valores, se enche de neutralidade para afirmar seus determinismos. O sagrado não tem nenhuma relação com a psiquiatria, com neuroses de obsessão, psicopatias, psicoses, neuropatologias. Portanto, as ciências duras não tem muitos recursos para disputar a moralidade da moral, pois enquanto saber reivindicam um campo de análise fora da moral, apesar de morais. Enquanto morais, as ciências se intrometem nos saberes assumidamente morais, sem se dar conta ou agindo de má-fé. A moral para ser questionada tem que se assumir como moralidade dos costumes. Neste sentido, é no âmbito da teologia e da filosofia que se encontram as ferramentas, os livros, os conceitos, para constranger o edifício moral. Quando o tom é de desqualificação como subproduto de alguma coisa, não como uma vontade estruturante do sujeito desejante, então a moralidade não foi desajustada, na verdade foi trivializada pelo confronto de outra moral hipocritamente posicionada como além de bem e mal. Com a morte de Deus, isto inclui o ídolo da biologia, se conseguiria desmiuçar uma amoralidade. Uma filosofia do futuro emergiria de uma condição moral, completamente, revigorada, sem, inclusive, quaisquer um destes magistérios a postular seus deuses como amortecedores da angústia.

O magistério da ciência não pode ir além da antropologia da moral - a documentação daquilo em que as pessoas acreditam, incluindo informações importantes como a frequência relativa de valores morais específicos em culturas distintas, a correlação desses valores com as condições ecológicas e econômicas e até mesmo (potencialmente) a capacidade de adaptação de certas crenças especificadas em situações darwinianas - embora meu intenso ceticismo sobre trabalhos especulativos nessa área tenha sido bastante manifestado em outros trabalhos. Mas a ciência nada diz sobre a moralidade da moral (GOULD, 1999, p. 57).

De um lado ou de outro, pelos MNI (magistérios não interferentes) ou pelos fanatismos catequizadores, há como substrato o que Nietzsche adiantou como ressentimento. A dificuldade de assumir uma posição mais tolerante e afirmativa diante da vida refere-se ao peso de uma cultura que exige como resposta uma reatividade. Ora, cientistas, filósofos, cristãos, políticos, enxergam o outro a partir de um conjunto imenso de maquinações, conjecturas, imaginações, sem se dar ao trabalho de ao menos testar suas hipóteses uma vez, com uma pessoa que seja. Abrir-se a experiência do encontro sem o peso do passado, sem a promessa do futuro. Um encontro que seja um estar bem diante do mundo na abertura sincera de com o outro compor uma vivência.

[...] por que tantas pessoas continuam a rejeitar uma solução tão humana, sensível e mara-

vilhosamente funcional do grande não-problema de nosso tempo. Os MNI não são um instrumento fracote, descartável ou superficial, uma mera ficção diplomática ou uma cortina de fumaça que toma a vida mais conveniente por meio de um compromisso em um mundo de paixões diversas e contraditórias. Os MNI são uma solução correta e que respeita determinados princípios - baseada em sólida argumentação filosófica - para uma questão de grande peso histórico e emocional (GOULD, 1999, p. 76).

Quando Dawkins destila o seu ódio, o faz de um ponto de vista puramente intelectual, no sentido de que estudou a história do cristianismo. O ateísmo de Dawkins é uma inversão, apenas. Ele elaborou tanta coisa sobre o outro que esqueceu de se reconhecer em algumas destas elaborações. Os agredidos reagem violentamente também. Os crentes inventam mentalmente muitas suposições sobre os ateus ou crentes de outras denominações cristãs ou não. As partes pouco dispostas a um diálogo genuíno e sincero, ecumênico. O ateísmo, principalmente, o militante, não responde ao fanatismo religioso de forma melhor. Fizemos este percurso para mostrar que as paixões cegas empobrecem o debate ao nível de uma verborragia imbecilizante. Ateus e cristãos conseguem rebaixar suas profissões de fé a níveis bastante estúpidos. Não advogamos em favor de nenhum dos dois, pois o dogmatismo é o primeiro sintoma de que algo não vai bem. A vida não requer para si nem o ateísmo, nem Deus, absolutamente. Todas as concepções, - materialistas, místicas, teístas, ateístas, panteístas, agnósticas, filosóficas, científicas, artísticas -, são ingredientes importantes para a vida. Se soubermos utilizá-las aqui e ali, esta com mais intensidade para este contexto, aquela para outro momento, sem medo de errar, mas disposto a errar e esquecer e continuar, persistir, enfrentar. Não há porque nos darmos ao luxo de assumir essa concepção de mundo e deixar todas as outras de lado diante da total incompreensibilidade do universo e do mundo, da dor e do sofrimento como quinhão avassalador da existência, teimosamente presente, inegociavelmente inerente como uma maldição, uma condenação e, porque não, uma necessidade para sermos felizes quando aprendemos a transfigurar a dor em obra de arte, pela música, pela literatura, pela religião.

REFERÊNCIAS

- ACHARYA, Vinod. **Nietzsche's Meta-Existentialism**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2013.
- ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral**. Pelotas: NEPFil online, 2013.
- ARALDI, Clademir Luís. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche 5, p. 75-94, 1998.
- ARALDI, Clademir. **Hölderlin e Nietzsche: sobre o "abismo" do nada**. Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, pp. 43-58, 2020.
- ALIAGA, Osman Daniel Choque. **"Dios ha muerto" y la cuestión de la ciencia en Nietzsche**. Estud.filos nº 59. Enero-junio de 2019. Universidad de Antioquia. pp. 139-166.
- ALVAR, Jaime. Um Tratado Fracasado: La ateología como discurso del ateísmo cristiano. In: **Diálogos da história antiga**. v. 32, n. 2, 2006. p. 125-137.

- AMENGUAL, G. **Crítica de La religión y antropología em Ludwig Feuerbach**: la reducción antropológica de la teología como paso del idealismo al materialismo. Barcelona: Editorial Laia, 1980.
- BARBOSA, Wilmar do Valle; LOTT, Henrique Marques. **“O religioso após a religião”**: um debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 71-100, out./dez. 2010 - ISSN: 2175-5841.
- BADEY, Paul B.. *Nietzsche: A Confused Philosopher?* **International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences**. ISSN: 2222-6990, June 2012, Vol. 2, No. 6.
- BORGES, Renato Rodrigues. Ateísmo pós-moderno de Michel Onfray: descrição, análise dos pressupostos filosóficos e avaliação crítica. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.
- BROCK, Eike. **Nietzsche Und der Nihilismus**. Ruhr-Universität Bochum: De Gruyter, 2015.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Nietzsche e a semântica da vontade de poder*. **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche**, 1º semestre de 2009, v. 2, n. 1, p. 20-37, p. 27.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Nilismo e Hierofania: Nietzsche, Cristianismo e o Deus Não-Cristão**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2015.
- CHAVES, Doriane de Araújo; OLIVEIRA, Adriano Antunes de. *Nilismo e morte de deus como problemas na leitura de Zaratustra de Nietzsche*. **Revista Acadêmica UniSerra**, Tangará da Serra, v. 1, n. 1, p. 41-50, jan/jun. 2018.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. *Ateísmo e materialismo hedonista: um balanço crítico da ateologia de Michel Onfray*. **Dissertação**. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de pós-graduação em filosofia, 2010.
- DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Demônios**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana*. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 3-8, jan./jun. 2011.
- FERREIRA, Douglas Willian. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. **Dissertação** (Mestrado acadêmico). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da religião, 2016.
- FERREIRA, Gustavo Augusto da Silva. *Fé e Razão: uma relação de completudes e verdades*. **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 144-154.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Campinas: Papirus, 1989.

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Lisboa: edições 70, 2002.

FÉRE, Charles. **Sensation et mouvement: études expérimentales de psycho- -mécanique**. Paris: Félix Alcan, 1887.

FÉRE, Charles. **Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique**. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

FIGL, Johann. **Nietzsche und die Religionen**. *Transkulturelle Perspektiven seines Bildungs- und Denkweges*. Berlin: De Gruyter, 2007. 396 p. ISBN: 978-3-11-019065-6.

FIGL, Johann. **Dialektik der Gewalt: Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie ; mit Berücksichtigung unveröffentlichter Manuskripte**. Düsseldorf, Patmos Verl., 1984.

GILLESPIE, Michael Allen. **Nihilism before Nietzsche**. Chicago: the university of Chicago press, 1995.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Religião e ética no cristianismo não religioso: Uma abordagem a partir de Gianni Vattimo**. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n. 2, p. 244-268, maio/ago. 2018.

HARRIS, Sam. **The End Of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason**. New York/ London: W.W. Norton&Company, 2004.

HEIT, H. **Ende der Säkularisierung? Nietzsche und die große Erzählung vom Tod Gottes**. En S. D. Terne, *Nietzsches Perspektiven. Über Dichten und Denken in der Moderne*. Berlín: De Gruyter, 2014.

HOEDL, Hans Gerald. **Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos**. Nietzsche-Forschung, Band 54, Gebundenes Buch 30, 2007.

KANT, Immanuel. **Religião nos limites da Simples Razão**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

KUHN, Elisabeth. **Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus**. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 25, Gebundenes Buch - 1. Februar 1992.

LANDIM, Robione Antonio. **Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche. Tese** (doutorado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2017.

LOTT, Henrique Marques. **Marcel Gauchet e a saída contemporânea da religião**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 412-442, abr./jun. 2017 - ISSN 2175-5841.

MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. **Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade**. Argumentos, ano 10, n. 19. Fortaleza, jan./jun. 2018.

MARTINES, Carmelo. **Ateísmo Pós-moderno: Análisis Y Crítica De Sus Argumentos**. (Spanish). Davarlogos 9, no. 2 (September 2010): 195-205.

MASSUH, V. **Nietzsche y el fin de la religion**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1985. MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht*. Nietzsche-Studien, 3, 1-60, 1974.

MESLIER, Jean. **Testament** : memoir of the thoughts and sentiments of Jean Meslier. New York: Prometheus Books, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda Consideração Intempestiva**: *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**: *Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: *um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**: *reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. Editora Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: *como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**: *uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. Editora Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; DE SOUZA, Paulo César. **A Gaia Ciência**. Editora Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; GIACÓIA, Oswald. **Fragmentos póstumos**. IFCH/UNICAMP, 1996.

NOVAK, Philip. **The Vision of Nietzsche**. Rockport: MA, 1996.

ONFRAY, Michel. **In Defense of atheism**: *The case against Christianity, Judaism, and Islam*. Toronto: Viking Canada, 2007.

ONFRAY, Michel. **Tratado de Ateologia**: *física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PETERSON, Jordan. **12 Regras Para a Vida**: Um Antídoto Para o Caos. Rio de Janeiro: Altas Books, 2018

SILVA, Marcos de Oliveira. *Por uma Autópsia do Sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião) -Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SOMMER, A. U. *Inwiefern ist Ernährung ein philosophisches Problem? Ludwig Feuerbach und Friedrich Nietzsche als Relativierungsdenker*. **Perspektiven der Philosophie**, 38(1), 319-342, 2012.

SOUZA, Vitor Chaves de. *A coragem em André Comte-Sponville e Paul Tillich*. **Revista Eletrônica Correlatio** nº 15 - Junho de 2009.

STACK. George J. **Lange and Nietzsche**. Berlin; New York: de Gruyter, 1983.

TEZA, Rogério de Souza. *Nietzsche e ateísmo científico*. **revHUMvi**, out 14, 05 indd, p. 120.

TILLICH, Paul. **Filosofia de la religión**. Trad.: Marcelo Pérez Rivas. Buenos Aires: Ediciones Megápolis, 1973.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5a ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Editora Sinodal, 2005.

VALADIER, P. **Nietzsche y la crítica del cristianismo**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

VALÉRIO, Gilmar Alonso. *Nietzsche: o desafio do ateísmo niilista*. Vox Faifae: **Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama** v. 1, n. 1 (2009) ISSN 2176-8986.

VATTIMO, G. **Creder di Creder: è possibile essere cristiani nonostante La Chiesa?** Milano: Garzanti, 1998.

VIENSENTEINER, Jorge Luiz. **Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos**. Campinas, 2009.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Nietzsche e o projeto crítico de superação da compreensibilidade*. **Cadernos Nietzsche** 32, 2013.

ZABALA, S. (org.). **Il futuro della Religione**. Milano: Garzanti, 2005.